

José Wilker: Anomalia Evitável ou Morte Natural?

Luiz Cláudio Correia Lemos

Programa de Pós-graduação da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Serviço de Cardiologia do Hospital São Rafael, Bahia - Brasil

O ator José Wilker morreu subitamente, aos 66 anos, do que provavelmente tenha isso um infarto do miocárdio que provocou uma arritmia fatal. Grande ator, em plena fase produtiva. Sentiremos falta.

Quando coisas assim acontecem, ficamos com a impressão de que algo deveria ter sido feito para prevenir sua morte, de que ele não deveria ter morrido. No pensamento comum, a morte de José Wilker, tão jovem (mesmo?), foi uma anomalia.

Este tipo de pensamento é visto em reportagens com a da Revista Istoé, a qual reagiu com uma extensa revisão das estratégias preventivas do infarto, sugerindo que provavelmente José Wilker não fez exames cardiológicos suficientes para prevenir seu desfecho fatal. Será mesmo?

Esta impressão do senso comum resulta da forma de pensamento caracterizada pela **dicotomia da causalidade**. Esta é a forma intuitiva e natural de pensar, porém que difere do pensamento científico, que é probabilístico.

Enquanto **o pensamento probabilístico** infere que uma medida de prevenção reduz em alguma magnitude a **probabilidade** de morte cardíaca, **o pensamento dicotômico** interpreta o mundo como um interruptor que a gente liga ou desliga de acordo com nossas ações. Guiados pelo nosso inconsciente, pensamos que se a prevenção correta fosse feita, Wilker não morreria, enquanto a culpa da morte dele está em alguma falha na forma de prevenção.

É a procura de um **nexo causal** para todo fato marcante, a procura de um bode expiatório. Por exemplo, preferimos atribuir a Yoko Ono a separação dos Beatles, em vez de considerar que pessoas e grupos que ficam algum tempo juntos naturalmente tendem a se separar em algum momento.

De forma menos cartesiana, os eventos da natureza decorrem de uma multiplicidade de causas, que interagem de forma complexa. Isto torna impossível prever exatamente quando e como um fenômeno acontecerá. Podemos apenas prever a probabilidade do ocorrido. Em outras palavras, todo José Wilker têm um probabilidade de morte

cardíaca que vai aumentando a cada ano. Aos 66 anos, sua probabilidade fica no nível intermediário, em torno de 10% durante um período de 10 anos. Ele pode, casualmente, ter caído nestes 10%, mesmo que tivesse feito tudo certo. Por isso, antes de encontrar um bode expiatório, devemos refletir se o que ocorreu estava dentro do previsto, se isso não foi um fenômeno natural.

Medidas de prevenção cardiovascular são importantes, pois reduzem o risco das pessoas. Porém precisamos ter em mente que o mundo é probabilístico e **prevenir não é o mesmo que impedir**. Ao saber que Wilker era fumante, recalculei seu risco cardiovascular. Este subiu de 10% para 15%. Desta forma, se ele parasse de fumar, seu risco de infarto reduziria. Porém devemos perceber que parar de fumar não impediria totalmente o infarto. Tabagismo é apenas um dos múltiplos fatores que, ao lado do acaso, provocam infartos. Dentre estes fatores de risco, idade é o mais forte.

A medicina interfere na probabilidade de infarto, controlando hipertensão arterial, adotando medidas redutoras do colesterol e aconselhando contra o tabagismo. Ao longo das últimas décadas, estas ações têm reduzido o risco na população. Mesmo assim, os casos de infarto fatal continuarão a existir. Quando estes ocorrem, não podemos interpretar como uma anomalia e aproveitar para propor medidas excessivas, sem base em evidências científicas. Muitas das reações a mortes de famosos trazem consigo a sugestão de rastreamento da doença coronária em pessoas sem sintomas, o que não reduz o risco cardiovascular e promove o fenômeno de overdiagnosis. Mortes naturais não devem ser analisadas de forma sensacional, promovendo medidas pseudo-preventivas, que podem prejudicar mais do que beneficiar.

Ao ter humildade para reconhecer nossa limitação em prever e prevenir fenômenos de forma determinística, nos aproximamos de um raciocínio médico racional, aumentando assim a probabilidade de alcançar os princípios éticos da não maleficiência e beneficência.